

rumos da luta

um jornal a serviço da classe operária e camponesa

"A teoria se converte em uma força material tão cedo seja apreendida pelas massas". (KARL MARX)

Órgão central da União Reconstrução Comunista (URC)

rumosdaluta@gmail.com

Número #34 FEVEREIRO/2025

A quem interessa a ignorância do povo?

Na história da humanidade, a ignorância tem sido aliada da exploração da maior parte do povo pela classe dominante, nas sociedades divididas em classes. Por essa razão, promover a estupidez coletiva, impedir, ou, pelo menos, limitar o acesso ao conhecimento científico é um dos objetivos dos poderosos e daqueles que estão a seu serviço. Nos dias que correm, verificamos esse processo na sociedade brasileira, nos debates que ocorrem em torno de várias questões, mais ou menos importantes. **PÁGINA 3**



Leia na página 4

As mentiras sobre a Reforma Agrária em nosso país



LUTAR POR UMA VIDA DIGNA

Leia o Editorial na página 2

FOMENTAR A LUTA PELA REDUÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO E O FIM DA ESCALA 6X1

LEIA MAIS NA PÁG. 8

Trump e a decadência do imperialismo estadunidense

INTERNACIONAL página 5

Governo do Rio Grande do Sul precariza o Ensino gaúcho

EDUCAÇÃO página 6

A Conferência Afro-Asiática da Mulher em 1961

MULHER página 7



A resistência palestina conquistou uma vitória importante diante do Estado genocida de Israel

PÁGINA 5



LUTAR POR UMA VIDA DIGNA

A situação da maioria dos brasileiros e brasileiras está cada vez mais difícil e com tendência a piorar ainda mais.

Vemos nas ruas, em cada esquina e nos bairros populares, exemplos evidentes do agravamento das condições de vida da maioria do povo.

Os governos apresentam dados positivos, afirmam que as coisas vão melhorar, mas a realidade impõe-se e, naturalmente, se reflete na queda de popularidade de certos governantes.

No Brasil e em todos os países capitalistas, a burguesia pressiona por medidas que atendam aos seus interesses. Cortes nos orçamentos dos serviços básicos necessários são realizados pelos governos a seu serviço. Para resolver os problemas da maioria do povo, nunca existe dinheiro, mas para satisfazer os ricos, os governos estão sempre prontos.

Nos últimos meses, assistimos ao aumento da inflação, corroendo os míseros salários dos trabalhadores; o abandono da população que todos os anos sofre com as enchentes; o caos no transporte coletivo. E enquanto isso, a preocupação de alguns partidos é com

a imagem do presidente da república e com as próximas eleições.

O ano de 2025 iniciou-se com uma importante e vitoriosa luta no Pará, onde uma greve do pessoal da Educação, aliado aos povos indígenas, obrigou o governador do estado a voltar atrás nos ataques que estava promovendo contra direitos populares.

Apesar da sua importância, o que ocorreu no Pará revela mais uma vez aquilo que temos denunciado frequentemente em nossas páginas, já que não houve nenhuma tentativa de nacionalizar a resistência e nem mesmo de divulgá-la mais amplamente.

Muitas das organizações que apoiam o Governo Federal afirmam que não se deve fazer oposição a ele, pois isso favoreceria a extrema direita. Aquilo que o governo federal faz para piorar a vida da maioria do povo, parece ter menos importância na avaliação dessas organizações, quando tratam dos retrocessos políticos que tem ocorrido.

Diferentemente dessas organizações, entendemos que, enquanto governos como o do PT e seus aliados estiverem

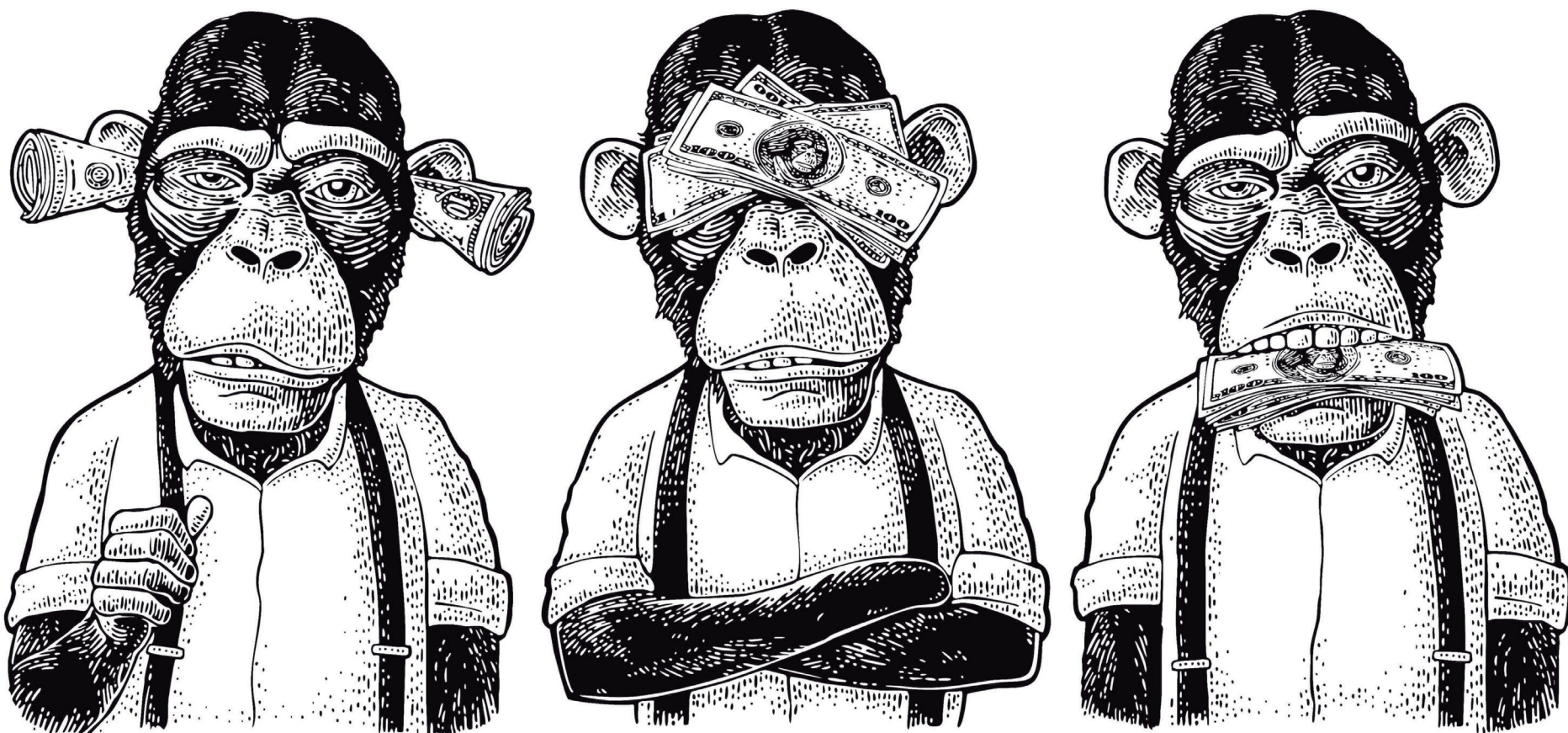
fazendo o que estão fazendo, a burguesia não precisará dar golpes de Estado, como fez em outros tempos. Todavia, isso não impedirá que uma parte do povo, revoltado, vote em candidatos como Milei ou Trump em eleições futuras.

A tarefa que se coloca para todas as pessoas que desejam melhores dias para as maiorias nacionais e estão dispostas a lutar por isso, é mobilizar e organizar a luta pelas medidas que, de fato, melhorem a vida do povo.

É preciso organizar a luta pela redução da jornada de trabalho para 35 horas semanais, sem redução de salários, por salário igual para trabalho igual, pela reforma agrária, por fortes investimentos nas áreas da Saúde, da Educação, entre outras.

Devemos aproveitar as datas históricas, que lembram as conquistas da luta do proletariado, como o 17 de abril, dia nacional de luta pela Reforma Agrária e o Primeiro de Maio, dia internacional de luta da classe trabalhadora, para intensificar a mobilização e convocar lutas unitárias pelos nossos interesses de classe.

Desde o início do ano de 2025, o jornal passou a ser o órgão central da URC, após a finalização bem sucedida de um processo de unificação da União Reconstrução Comunista com a Célula Comunista de Trabalhadores. Saiba mais no editorial do Rumos da Luta #33 (disponível no NOVACULTURA.info)



A quem interessa a ignorância do povo?

Na história da humanidade, a ignorância tem sido aliada da exploração da maior parte do povo pela classe dominante, nas sociedades divididas em classes.

Por essa razão, promover a estupidez coletiva, impedir, ou, pelo menos, limitar o acesso ao conhecimento científico é um dos objetivos dos poderosos e daqueles que estão a seu serviço.

Nos dias que correm, verificamos esse processo na sociedade brasileira, nos debates que ocorrem em torno de várias questões, mais ou menos importantes.

Qualquer pessoa, dotada de um mínimo de bom senso, não dúvida que o avanço científico é bom para a humanidade, de maneira geral, embora o bom senso também mostre que o avanço científico pode ser usado para causar sofrimentos a outros.

Para a classe dominante, nas sociedades baseadas na exploração do homem pelo homem, sempre foi um problema que as classes exploradas compreendessem os mecanismos da exploração, pois, entendendo tais mecanismos, os explorados começaram a buscar maneiras de diminuir ou mesmo de acabar com a exploração.

Daí as tentativas de impedir a compreensão de que, a sociedade, assim como a natureza, funciona de acordo com determinadas leis. Dificultar a compreensão das

leis de funcionamento da sociedade, para os exploradores, é uma arma na sua luta contra os explorados, para manter o tipo de sociedade que lhes interessa.

É por isso que, nos tempos em que vivemos, não sabemos se mais ou menos do que em outras épocas, estimulam-se os debates infrutíferos, nos quais os debatedores não tem o objetivo de convencer, mas apenas de vencer e humilhar a seus adversários.

Vamos dar um exemplo.

A política econômica praticada pelo atual governo federal brasileiro, é a mesma, apenas um pouco piorada para o povo, do que a política econômica aplicada pelo governo anterior. Qualquer pessoa honesta aceita essa evidência.

Se formos mais rigorosos, podemos dizer que o continuísmo em matéria de política econômica já vem de muito longe. Ela baseia-se em torno do tripé: superávit fiscal, câmbio flutuante e metas inflacionárias. No entanto, pelas razões que expusemos antes, os partidários dos dois blocos políticos que se revezam no governo federal, tentam mostrar que entre eles, existem grandes diferenças nesta questão.

Tais diferenças não existem e é por isso que os resultados, para a maior parte do povo, são os mesmos: desemprego, arrocho salarial para os que estão emprega-

dos, precarização das relações trabalhistas e demais relações sociais, ataques aos serviços e aos servidores públicos, tragédias sociais frequentes, etc.

Ninguém precisa ser um gênio para saber que classe social se aproveita dessa situação, qual classe social se beneficia da miséria da maioria e da sua incompreensão das causas de sua miséria. É por essa razão também que poderosas instituições, como as empresas de comunicação, as universidades, públicas e privadas, se esforçam tanto, com raras exceções, em promover, a ignorância, as falsas polêmicas. Trata-se, antes de tudo, de "dividir para reinar".

Sabe a classe dominante e seus serviços que, como observou Francis Bacon em seu *Novum organum*: "Açam-se as ciências acima do alcance da maior parte dos homens e são facilmente destruídas e extintas pelos ventos da opinião vulgar". O mesmo Bacon, na mesma obra, afirmou: "(...) Mas se alguém se dispõe a instaurar o poder e o domínio do gênero humano sobre o universo, a sua ambição (se assim pode ser chamada) seria, sem dúvida, a mais sábia e a mais nobre de todas. Pois bem, o império do homem sobre as coisas se apoia unicamente nas artes e nas ciências. A natureza não se domina, senão obedecendo-lhe".

rumos da luta

um jornal a serviço da classe operária e camponesa

APOIE O JORNAL RUMOS DA LUTA!

Para viabilizar os custos do nosso jornal por mais um ano, seguimos com o nosso plano de assinaturas únicas de apoio, no valor de R\$ 100 (cem reais), com a qual você passa a receber mensalmente em sua casa 12 edições do Rumos da Luta e assim também contribui com a publicação da URC.

Se você tiver interesse em assinar e nos apoiar, envie e-mail para rumosdaluta@gmail.com ou pelo site www.novacultura.info/jornal



As mentiras sobre a Reforma Agrária em nosso país

Apesar da Reforma Agrária, além de ser uma necessidade histórica do nosso país, e a principal bandeira de diversos movimentos populares há algumas décadas, os caminhos apresentados como viáveis para torná-la realidade a partir das vias institucionais se mostram cada vez mais ineficazes.

A Reforma Agrária nas mãos dos diversos governos desde a chamada “redemocratização” no Brasil, seja sob quais cores se vestiam, nunca foi tratada minimamente com a importância devida para o planejamento da economia e desenvolvimento. Em quanto nada ou quase nada foi feito para a realização de uma reforma no campo que atendesse os interesses dos brasileiros, bilhões foram destinados ao agronegócio, sugando os recursos públicos no campo e abocanhando o resultado como lucro privado.

E mesmo com o grande apoio dado por organizações como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) a eleição do atual governo, mais uma vez muito pouco foi realizado para por em prática a bandeira da Reforma Agrária. Enquanto culpam Temer e Bolsonaro, o terceiro mandato de Lula pouco fez pelos camponeses sem terra.

Os números apresentados pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) em dezembro do ano passado, afir-

mam que 71.414 famílias foram assentadas durante 2024. Sendo assim, representaria um aumento de 42% em relação a 2023 e também seria quase dez vezes superior à de 2022, último ano da gestão do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

Contudo, basta olhar mais de perto o que foi apresentado pelo governo para constatar que são informações maquiadas. Os conceitos usados oficialmente para classificar os dados de reforma agrária são usados para inflar as estatísticas. Utilizam de categorias como “regularização” (demarcação e titulação de terras já ocupadas) e “reconhecimento” (colocar famílias que já ocupam lotes) para apresentar mais famílias como beneficiárias do Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA).

Só 6% das 71 mil famílias anunciadas foram assentadas de fato em áreas para a Reforma Agrária, recebendo lote do governo (oriundo de desapropriações ou compras de terrenos) para trabalhar com agricultura e produzir alimentos.

Segundo o próprio MST, aliado histórico do Partido dos Trabalhadores (PT), esses números não são reais. Em matéria do Repórter Brasil de janeiro deste ano, foi divulgado que é calculado que cerca de 100 mil famílias estão em acampamentos esperando receber terras para produzir via Reforma Agrária, das quais 65 mil famílias são militantes do movimento.

VALDIRZÃO, PRESENTE!

No dia 10 de janeiro, grileiros atacaram covardemente trabalhadores rurais do assentamento Olga Benário, em Tremembé, no interior de São Paulo. Sob gritos de “mata tudo, mata todo mundo”, os bandidos deixaram 8 feridos e duas vítimas fatais Valdir do Nascimento de Jesus, o Valdirzão, de 52 anos, e Gleison Barbosa de Carvalho, de 28 anos. Valdirzão, era uma das mais importantes lideranças do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na região do Vale do Paraíba.

Esse é mais um exemplo claro do avanço da violência contra os camponeses e movimentos de luta pela terra que cresce a cada ano. Com a Reforma Agrária somente na promessa de governos, a reação se utiliza cada vez mais abertamente da repressão e violência para desencorajar e eliminar aqueles que lutam por um pedaço de terra para viver.

O jornal Rumos da Luta, em nome da URC, esteve presente nos dias seguintes ao massacre na região e rendeu solidariedade aos camponeses em luta na região. Reproduzimos aqui o material divulgado na ocasião em homenagem ao líder do MST assassinado:

O senhor Valdir, nosso Valdirzão, não era apenas um homem. Ele era uma árvore frondosa, gigante, que abrigava vidas, sonhos e raízes profundas. Coletor de sementes, agrofloresteiro, pai, avô, marido... Ele era a própria vida pulsando em meio à terra. Quando uma árvore desse porte cai, o barulho é ensurdecedor.

O impacto de sua ausência nos atravessa e reverbera em nossos corações. Mas o Valdirzão não caiu vazio. Ele estava carregado de frutos, cheio de sementes, pronto para multiplicar a vida. E com sua queda, essas sementes se espalharam, voaram longe como sementes aladas, procurando solo fértil para germinar.

A clareira aberta pela sua ausência agora é espaço para que essas sementes, em silêncio e resistência, criem força e floresçam. Achem que derrubando uma árvore vão acabar com a floresta, mas se esquecem de que cada queda multiplica a vida. O Valdirzão não se foi, ele se transformou em uma infinidade de novas vidas, de novas possibilidades.

Hoje, choramos, mas também semeamos. Porque a luta do Valdirzão é maior que o ódio que o derrubou, e sua memória é a floresta que jamais será destruída.

(JANAINA ANACLETO, ASSENTADA)

TRUMP E A DECADÊNCIA DO IMPERIALISMO ESTADUNIDENSE

Desde a primeira eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, passando pela sua eleição frustrada em 2020, após um grande clamor de grupos progressistas brasileiros no apoio a Joe Biden, sua imagem sempre foi passada como se fosse um ponto obscuro no céu azul da imagi-nária democracia estadunidense.

Passado o governo de Biden, no qual ele manteve todas as políticas espe-radas do imperialismo norte-americano, inclusive no apoio irrestrito ao genocídio sionista na Faixa de Gaza, Trump não teve dificuldades nas eleições do ano passado para voltar à Casa Branca, com uma ver-borragia fascista desenfreada.

Em 2025, passado um tempo des-de sua segunda posse, já podemos ver o caráter do seu novo governo e de como funcionará o mandatário dos EUA nos próximos anos. Independentemente de quem ocupa o posto maior eleitoral, seja o bom moço Barack Obama ou o truculen-to Donald Trump, o caráter do imperialis-mo norte-americano não se modifica. No máximo, podemos ver agora um discurso mais cínico e aberto sobre sua autodecla-rada “supremacia”.

Desde que assumiu, por meio de declarações e ações, Trump não se preocu-pou em nenhum minuto de manter a máscara “democrática” dos Estados Uni-dos e passou a atacar tudo e a todos, dentro e fora do país, para alimentar sua plataforma política. Apenas um mês se passou desde que Donald Trump assumiu o cargo de presidente dos Estados Unidos da América, e ele já atacou e feriu tudo ao



seu redor, como um monstro obcecado em reivindicar tudo para o seu reino. Por meio de suas declarações e ações, Trump arran-cou a máscara de “promotor da democra-cia” dos EUA, expondo sua verdadeira face e natureza como uma potência imperialista insaciável, mergulhada em crise e desespera-da para salvar seu império em declínio.

Dentro do território estaduniden-se, o seu governo, diante da crise política imparável e a ampliação das tendências fascistas, racistas e ultraconservadoras, tal qual impõe a outros países, levantou a bandeira da “austeridade”, cortando gas-tos públicos básicos e demitindo milhares de funcionários do Estado.

Conjuntamente a isso, colocou em ação o seu plano xenófobo (sempre usa-do pelo fascismo) de caça aos imigrantes, colocando em cima desses a “culpa” pela crise do país, com prisões violentas e de-portações em massa das pessoas estran-geiras que vivem “ilegalmente” nos EUA.

Como sabemos, em quase todos os rincões do planeta, povos e nações en-frentam pressões econômicas e ameaças de agressão do imperialismo ianque. Para manter e aprofundar isso, Trump fala em

todas as direções sobre a imposição de ta-rifas comerciais e a retirada ou retenção de ajuda militar e econômica contra paí-ses que pretende pressionar e subjugar.

O novo mandatário ianque também ameaça impor tarifas adicionais a países como Canadá, México, China e até mes-mo o Brasil. Assim como tagarelou sobre anexar o Canadá e a Groenlândia, além de tomar o Canal do Panamá do seu país soberano. Além disso, também defendeu a “solução final” na Palestina, apoiando Netanyahu em seus planos genocidas de anexar toda a Faixa de Gaza e usá-la para benefícios econômicos próprios às custas da expulsão do povo.

Apesar do discurso fanático e vio-lento, o que Donald Trump busca é rever-ter a crise sistêmica do capitalismo que afunda e arrasta os Estados Unidos para uma decadência irreversível. Como sabe-mos pela História, é a tentativa final do capitalismo de escapar da sua própria cri-se e declínio, apelando para figuras nefas-tas e uma política abertamente fascista, abandonando até a propaganda da “demo-cracia” que há décadas vendem ao mundo para manter sua hegemonia.

A resistência palestina conquistou uma vitória importante diante do Estado genocida de Israel



Em janeiro, a resistência palestina, composta pela unidade de ação de todas as suas forças revolucionárias e progressistas como a Frente Popular para a Libertação da Palestina, o Movimento de Resistên-cia Islâmica (Hamas) e a Jihad Islâmica, impôs a Entidade Sionista um acordo de cessar-fogo, para por um fim temporário, aos bombardeios e ataques incessantes de Israel contra a Faixa de Gaza que duraram mais de 460 dias, além das trocas de reféns e prisioneiros políticos. O acordo conqui-stado pela heroica e dura resistência do povo palestino interrompeu um cenário de ataques ininterruptos que resultaram na morte de mais de 46 mil palestinos, in-cluindo quase 20 mil crianças.

O triunfo da resistência palestina que permaneceu firme mesmo diante da brutalidade da guerra genocida travada

pelo Estado sionista de Israel, fortalecerá ainda mais a determinação dos palesti-nos e palestinas na sequência da luta pela sua autodeterminação e pela libertação nacional.

Como afirmou a Frente Popular para a Libertação da Palestina em um comuni-cado, a cena dos palestinos retornando a Gaza é um golpe nos planos de ocupação e do projeto de deslocamento. A batalha não acabou, e nosso povo continuará sua luta até que cumpra suas justas exigências para parar completamente a agressão, re-construir, quebrar o cerco e acabar com a ocupação. Este povo que sangrou e sofreu continuará seu caminho rumo à liberdade, não permitirá a reprodução de projetos de deslocamento e liquidação, e continuará com seu sangue e carne viva escrevendo o épico da firmeza e libertação”.

Governo do Rio Grande do Sul precariza o Ensino gaúcho



EDUARDO LEITE
INIMIGO Nº1
DA EDUCAÇÃO

#ReajusteJá #ReajusteJá #ReajusteJá #ReajusteJá #ReajusteJá #ReajusteJá #ReajusteJá #ReajusteJá #ReajusteJá #ReajusteJá

O ano letivo nem bem iniciou e o governo Leite já afronta a comunidade escolar gaúcha com medidas antidemocráticas, sem consultar os segmentos que serão diretamente afetados. Por deliberação do governo estadual, a partir de 2025, os alunos poderão ter aprovação para o ano seguinte, mesmo quando não consigam média seis em até quatro disciplinas.

Em primeiro lugar, tem que ser dito que a comunidade escolar (professores, funcionários, pais e estudantes) deseja aprovação dos alunos. Mas a comunidade Escolar deseja a aprovação que construa o desenvolvimento dos estudantes. Para tanto, se faz necessário o ensino de qualidade e não apenas uma aprovação de aparência.

A qualidade do ensino, para ser alcançada, requer investimento no corpo docente da escola, na estrutura material da escola, além da participação da co-

munidade escolar no que diz respeito ao planejamento e implementação das deliberações que lhe afetam.

O atual governo, neoliberal em essência, impõe o desmonte do projeto pedagógico do Rio Grande do Sul, o empobrecimento e consequente adoecimento dos educadores, a falta de manutenção das escolas e para compensar oferece uma aprovação burocrática e falsa.

Essa aprovação deliberada pela SEDUC não passa de uma maquiagem da qualidade do ensino e comprometerá o futuro dos alunos e do Estado.

Hoje não existem condições adequadas nem mesmo para o ensino regular. Será que professores e alunos serão obrigados a terem aulas concomitantes, ou seja, ensino regular e recuperação no mesmo espaço e tempo? Será que o governo pagará horas extras para trabalho no turno inverso ou vivenciaremos mais sobrecarga de trabalho sem remunera-

ção? Será que o governo pagará alimentação ou passagens para os alunos frequentarem mais um turno na escola? Ou simplesmente os alunos receberão tarefas para realizarem, sabe-se lá como, e assim justificar a aprendizagem e a aprovação sem qualidade?

Não podemos esquecer que nossos alunos passaram por uma pandemia e duas enchentes. É necessário implementar um projeto de ensino-aprendizagem responsável, que ataque de fato as carências, as causas da defasagem educacional do RS e que prepare nossos estudantes para construírem a perspectiva de um futuro feliz.

Os filhos da classe trabalhadora não podem ser empurrados pela escola pública para a exclusão social.

Educação tem que ser de Qualidade, Laica e Classista!

POR GORETTI GROSSI, PROFESSORA GAÚCHA



“Temos perante nós uma tarefa difícil e nova, mas grande e gratificante - organizar uma atividade literária ampla, multilateral e multiforme em estreita e indissolúvel ligação com o movimento operário. Toda a literatura revolucionária deve tornar-se partidária. Todos os jornais, revistas, editoras, etc., devem lançar-se imediatamente a um trabalho de reorganização, à preparação de uma situação em que eles sejam integrados, na base de uns ou outros princípios, em umas ou em outras organizações do partido” (V.I. LENIN)

Criado por militantes da URC, o selo Edições Nova Cultura busca, desde o seu começo, contribuir para a divulgação do marxismo-leninismo e a história das revoluções do século XX para o público brasileiro e ser uma fonte de estudo do socialismo científico para o movimento comunista no país.

www.novacultura.info/selo

A CONFERÊNCIA AFRO-ASIÁTICA DA MULHER EM 1961



A Conferência Afro-Asiática da Mulher, realizada em janeiro de 1961 no Cairo, Egito, foi um marco importante no contexto da luta por direitos das mulheres e pela solidariedade entre os povos do hemisfério Sul, especialmente da África e da Ásia. Na década de 1960, muitos países africanos e asiáticos estavam emergindo de décadas, ou mesmo séculos, de dominação colonial. No entanto, a independência política não garantia a emancipação social e econômica. Esse evento reuniu mulheres de diferentes nações, trazendo para o centro do debate a questão da emancipação feminina. Organizada sob o impacto dos movimentos anticoloniais e do desejo de promover a cooperação entre os países afro-asiáticos, a conferência teve como objetivos principais a discussão de questões relacionadas à igualdade de gênero, direitos civis, desenvolvimento social e econômico, e a luta contra o imperialismo.

A conferência foi significativa porque ofereceu uma plataforma para que as mulheres discutissem suas experiências de luta, não apenas contra o colonialismo, mas também contra as opressões de gênero. Ela representou um espaço de articulação e de troca entre mulheres de diversos contextos culturais e políticos, ajudando a consolidar alianças. O evento contou com a participação de delegações de países como o Egito, Índia, China, Argélia, Gana, e muitos outros que estavam passando por processos de transformação política.

Entre os temas debatidos, destacaram-se a educação das mulheres, a saúde materna, os direitos trabalhistas e o papel das mulheres na reconstrução pós-colonial. A conferência também enfatizou a importância da participação feminina nos movimentos de libertação nacional, mu-

lheres, nas suas múltiplas identidades de camponesas, intelectuais, trabalhadoras e líderes comunitárias desempenharam um papel crucial nas lutas de libertação nacional. No entanto, após as independências, a simples obtenção da soberania política não resolveria a questão da emancipação feminina ou a opressão das classes trabalhadoras. A opressão das mulheres nas sociedades coloniais e pós-coloniais não pode ser vista de forma isolada da opressão e da dominação imperialista.

Essa conferência teve um impacto duradouro, pois inspirou outras reuniões e movimentos que buscavam promover a solidariedade entre mulheres de países do Terceiro Mundo, além de contribuir para o avanço da agenda de direitos das mulheres em escala global. Ela também reforçou o papel das mulheres como agentes ativos nas transformações sociais e políticas de suas respectivas nações. As demandas das mulheres na conferência, como o direito à educação, ao trabalho e a participação política, se inserem em um projeto mais amplo de transformação social que se choca diretamente com o sistema capitalista.

Conquistas e desafios pós-1961

As conquistas da conferência se inserem na luta de classes global, com a compreensão de que a libertação das mulheres só pode ser plena se houver uma transformação nas relações de produção e poder. O período que se seguiu à conferência viu uma série de avanços para as mulheres afro-asiáticas, principalmente com a independência de várias nações africanas e asiáticas, o que abriu caminho para maiores oportunidades de participação política e social. Em muitos casos, as mulheres desempenharam papéis

centrais em movimentos de libertação nacional. No entanto, muitos dos desafios discutidos na conferência permanecem atuais. A libertação nacional não garantiu, por si só, a emancipação das mulheres, e o capitalismo globalizado rapidamente reconfigurou novas formas de exploração. Embora as mulheres afro-asiáticas tenham conseguido avanços importantes em educação, saúde e participação política, as estruturas de classe capitalista continuaram a perpetuar desigualdades de gênero.

Retrocessos em 2024

Ao contrastarmos o espírito emancipatório de 1961 com o contexto do ano de 2024, observamos um cenário de retrocessos preocupantes em várias partes do mundo. Um dos principais aspectos desse retrocesso é o fortalecimento de políticas liberais que aprofundam a precarização do trabalho, atingindo particularmente as mulheres, sobretudo as negras. No Brasil, por exemplo, reformas trabalhistas e previdenciárias nas últimas décadas fragilizaram as garantias sociais e ampliaram as desigualdades de gênero no mercado de trabalho.

Além disso, em muitas partes do mundo, há um ressurgimento de políticas conservadoras e autoritárias, que buscam retirar direitos conquistados pelas mulheres ao longo do século XX, como o direito ao aborto, à educação sexual e à autonomia sobre seus corpos. Esse fenômeno é parte de uma reação patriarcal e capitalista às crises estruturais do sistema global, que busca reafirmar o controle sobre a força de trabalho feminina, tanto no âmbito doméstico quanto no mercado de trabalho.

A mercantilização da vida, uma característica central do capitalismo contemporâneo, reforça a dupla exploração das mulheres. O trabalho não remunerado das mulheres (cuidado, trabalho doméstico, etc.) continua a ser desvalorizado, enquanto o trabalho formal enfrenta crescente precarização. Isso perpetua a subordinação das mulheres no sistema capitalista, uma realidade já criticada pelas participantes da Conferência Afro-Asiática em 1961, mas que se intensifica no atual estágio do capitalismo global.

A Conferência Afro-Asiática da Mulher de 1961, quando colocada em contraste com o contexto de 2024, evidencia tanto as conquistas quanto os retrocessos no caminho da emancipação feminina. Embora as mulheres afro-asiáticas tenham desempenhado papéis importantes na luta anticolonial e tenham conseguido alguns avanços no pós-independência, as forças do capitalismo globalizado e o patriarcado continuam a impor barreiras significativas. O ressurgimento de políticas neoliberais e conservadoras em todo o mundo destaca a importância de uma análise de classe e de gênero para entender as lutas contemporâneas das mulheres. A verdadeira emancipação feminina só será alcançada com a superação do capitalismo e a construção de uma sociedade baseada na igualdade e na justiça social, onde a exploração de classe e gênero seja erradicada.



FIM DA ESCALA 6X1

Fomentar a luta pela redução da jornada de trabalho e o fim da escala 6x1

Nos últimos meses a repercussão da campanha do Movimento VAT (Vida Além do Trabalho), pelo fim da jornada de trabalho na escala 6x1 cresceu tanto nas redes sociais quanto nas ruas, o que levou a questão a ganhar o protagonismo na grande mídia e entre os congressistas brasileiros que tiveram que pautar a discussão.

Não é à toa que a reivindicação ganhe uma repercussão massiva e de grandes proporções. Os efeitos degradantes para a vida daqueles trabalhadores e trabalhadoras são compreensíveis para todos, seja qual foi a forma da sua jornada de trabalho. A vida dos trabalhadores brasileiros se degrada cada vez mais, com o aumento crescente do custo de vida, condições de trabalho cada vez mais precarizadas, que faz com que os problemas financeiros e de saúde se acumulem.

Por isso é dever de todos os comunistas e progressistas brasileiros apoiar ativamente essa luta, que se impõe como fundamental diante de um cenário recente, no qual a classe trabalhadora sofreu esmagadoras derrotas, como a Reforma Trabalhista imposta em 2017 sem a devida resistência das Centrais sindicais e dos partidos da “esquerda da ordem”.

Devemos não somente fomentar a luta dos trabalhadores e trabalhadoras pela reconquista dos direitos laborais roubados e por condições de trabalho mais justas e dignas, mas também buscar superar as limitações impostas pelo oportunismo nesse processo ao longo das últimas duas décadas.

Ao contrário do que tentam nos fazer pensar, as lutas proletárias seguem ocorrendo, sejam por melhores salários, melhoria de condições de trabalho ou contra privatizações. Contudo, acabam por ficar isoladas, sem alcançar a dimensão necessária.

É preciso mobilizar e a luta contra o fim da escala 6x1 conectando com as demais lutas dos trabalhadores, tanto pelos direitos trabalhistas negados, quanto a defesa do funcionalismo público e os cortes de gastos na saúde e na educação.

Não será colocando as esperanças nas mãos dos parlamentares e sua boa vontade que esta e outras reivindicações terão sucesso. Somente com a luta organizada e unificada a classe trabalhadora brasileira poderá avançar e garantir mais direitos trabalhistas e sociais, diante de um contexto político que avança cada vez mais ao neoliberalismo e a superexploração do nosso povo.

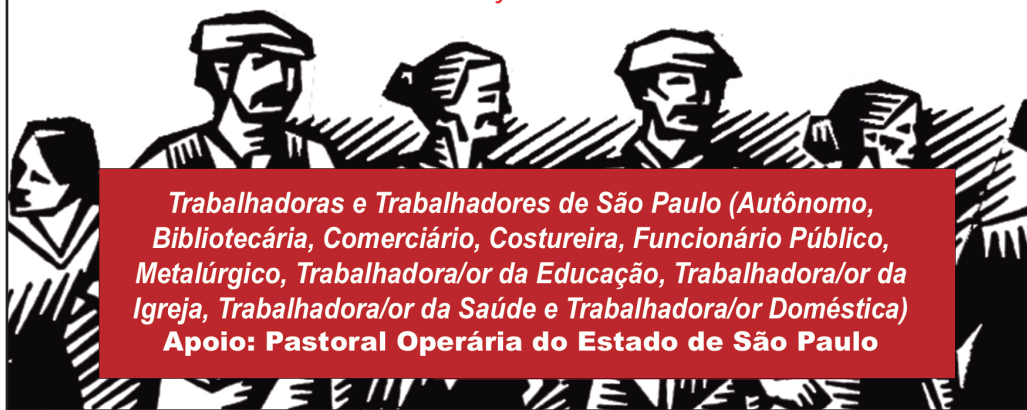
Lutar pela redução da jornada de trabalho sem redução de salários é uma bandeira fundamental para a luta proletária brasileira, a exemplo do que ocorre em diversas partes do mundo, a partir da campanha levada a cabo pela Federação Sindical Mundial (FSM) pela jornada de trabalho de 35 horas semanais.

ORGANIZAÇÃO a força da classe trabalhadora

A exploração das trabalhadoras e dos trabalhadores no Brasil tem crescido demais. O trabalho precário (indigno), o desemprego e a miséria social se mostram nas ruas, enquanto a minoria de ricos e seus representantes nos governos e nos congressos vivem folgadoamente. Para enfrentar essa situação, só existe um caminho: organização e luta.

- Aqueles que estão empregados devem se organizar nos seus locais de trabalho e nos sindicatos.
- Aqueles que estão desempregados devem se organizar nos seus locais de moradia.
- Os estudantes devem se organizar em suas escolas.
- E todos unidos, devemos lutar pela redução da jornada de trabalho para 35 horas semanais, sem diminuição de salários, para reduzir o desemprego e lutar por salário igual para trabalho igual. Lutar por tudo o que possa melhorar as nossas condições de vida, inclusive contra o sistema capitalista que é o responsável pela injustiça e desigualdade que vivemos.

**TODOS E TODAS ÀS RUAS NO
8 DE MARÇO E NO 1º DE MAIO!**



Trabalhadoras e Trabalhadores de São Paulo (Autônomo, Bibliotecária, Comerciante, Costureira, Funcionário Público, Metalúrgico, Trabalhadora/or da Educação, Trabalhadora/or da Igreja, Trabalhadora/or da Saúde e Trabalhadora/or Doméstica)
Apoio: Pastoral Operária do Estado de São Paulo

8 DE MARÇO É DIA DE LUTA

A proposta de que o dia 8 de março fosse uma data internacional para lembrar a luta das mulheres, foi feita por Clara Zetkin e foi aprovada em um congresso internacional ocorrido em 1910. Mulheres e homens da classe trabalhadora devem se unir e lutarem por Salário igual para trabalho igual e pelo Fim da violência contra as mulheres. O racismo e demais formas de preconceito devem ser combatidos todos os dias pelas organizações da classe trabalhadora.

1º DE MAIO É DIA DE LUTA!

O dia 1º de Maio tem sua origem na execução de operários de Chicago, nos EUA, em 1886. Naquele período, em diversas partes do mundo, a classe trabalhadora lutava pela diminuição da jornada de trabalho para 8 horas diárias, entre outras medidas para melhorar as condições de vida.

CONTRA O QUE OS TRABALHADORES PRECISAM LUTAR?

Devemos aprender com a luta dos que nos antecederam e nos organizar para, em massa, irmos às ruas, no 1º de maio, exigir o cancelamento das reformas das leis que atacaram os direitos da classe dos trabalhadores.

- Pela anulação da Reforma da Previdência
- Pela anulação da Reforma Trabalhista
- Pela anulação do Arcabouço Fiscal
- Pela redução da jornada de trabalho para 35 horas sem redução de salário
- Por salário igual para trabalho igual
- Pelo fim da violência policial e do encarceramento em massa da população pobre
- Pelo fim da reforma da educação
- Pelo fim do trabalho da Pessoa Jurídica quando prejudica e substitui os direitos da carteira assinada
- Pelo fim da venda das empresas públicas (do povo) para os ricos (privatizações)
- Pelo fim da terceirização do trabalho

28 DE ABRIL - DIA MUNDIAL EM MEMÓRIA DAS VÍTIMAS DE ACIDENTES DO TRABALHO

Em 28 de abril de 1969, a explosão de uma mina nos Estados Unidos matou 78 trabalhadores. A tragédia marcou a data como o Dia Mundial em Memória às Vítimas de Acidentes do Trabalho. O Brasil é um dos países onde mais ocorrem doenças e acidentes no trabalho no mundo. E isto é culpa das empresas que não investem em segurança: mantêm condições inadequadas de trabalho, organização deficiente e não cumprem as leis. Por isto, realizamos todos os anos, uma Campanha com o título “ACIDENTE DE TRABALHO NÃO É CULPA DA VÍTIMA”. Junte-se a nós para saber mais e explicar a todo povo, porque acontecem as doenças e acidentes no trabalho.